

anda tem tal importância em nossa economia que o desejo custará a ser entendido.

O Brasil tinha, ainda em 1934, cerca de 3 bilhões de pés de café, o que representa uma soma de esforço, de dedicação, de trabalho e de organização de que, muitas poucas nações se podem orgulhar. Nesse total, muitos milhões são de plantas velhas, com mais de 50 anos, mesmo seculares e até ultra-centenárias. Terão que desaparecer. Já vão desaparecendo, como acontece em muitas localidades cujos fazendeiros já se convenceram da inutilidade de manter as lavouras deficitárias que apenas servem para amargar a vida de todos e para empobrecer uma população.

O bom senso brasileiro fará com que se vá substituindo as culturas que fazem a superprodução, seja porque a renda média é insuficiente, seja porque o produto é de péssimo gosto. O equilíbrio estatístico, tão desejado e até agora não atingido, chegará por toda uma série de fatores concordantes, frutos do estabelecimento de um programa racional de medidas. Uma delas é a emergência, na cafeicultura, de crises acumuladas; outras, no contrário, serão permanentes, naturalmente demoradas, como tudo que implica mudança de mentalidade, mas que trazem, depois, resultados seguros e que darão ao edifício econômico brasileiro bases mais firmes e resistentes.

Já tive o ensejo de dizer que o Brasil não tem culpa de ter construído a sua lavoura mais ou menos empiricamente. Basta lembrar que ele criou o seu acaço do café quando a ciência agrônômica ainda estava no início e quando o seu produto, bom ou mau, "estritamente mole" ou exageradamente duro, se vendia com a maior facilidade, sem lutas e sem atropelos, porque ele era quase o único produtor. Os outros tinham a rubiacea talvez com mais apuro no preparo, mas não tinham condições para tentar sequer enfrentar-nos na quantidade. Esta era a nossa arma e com ela esmagamos as tentativas de resistência. Hoje o problema muda de face. Dentro de pouco tempo, talvez, se agravará mais um bocadinho, com a entrada da Etiópia entre os novos concorrentes.

Não poderemos e não deveremos, só por isso, querer aniquilar o café. Ele continuará, se bem dirigida e organizada a sua produção, a fazer entrar ouro no Brasil. A concorrência é um fato normal e conhecido no concerto do mundo e é a grande professora de energia do homem. Em que poderá ela nos apavorar, se nos prepararmos convenientemente, se a incluírmos de antemão em nosso programa, se ela entrar em nossos cálculos como fator desfavorável mas contornável?

Temos, para vencer, uma vantagem importantíssima: média mais alta de produção que qualquer concorrente, produzindo, além disso, todos os tipos de café, mesmo os estimados pelos consumidores exigentes. Precisamos, apenas, de organização técnica, que preveja todas as fases da produção, que não deixe ao acaso e ao ca-

pricho do destino nenhum dos aspectos fundamentais da economia nacional."

PARADOXO

O Jockey Club de São Paulo editou, em 1958, um volume a propósito da 1ª Mesa Redonda de Criadores Sul Americanos de Cavalos Puros de Corrida. Nesse volume fomos encontrar a seguinte passagem de uma intervenção de Luis Piza Sobrinho, que, não obstante o tempo decorrido em relação ao discurso de posse no D.N.C., parecem formar perfeita unidade:

"Como todos sabem, parece paradoxal no momento em que se atravessa uma crise, quando se fala em superprodução de café, venha a Sociedade Rural Brasileira trabalhando intensamente no sentido da maior produtividade da rubiacea dentro do Estado de São Paulo.

O fato é que, geralmente, se confunde produtividade com produção excessiva. E o professor Saint Pastous explicou, com acerto e clareza, definiu com precisão como devemos entender a produtividade. E é nesse campo que está a salvação da economia paulista — e porque não dizer? — da economia brasileira. Sempre que nas mesas redondas ou nas assembleias se indaga qual o produto capaz de substituir o café, a grande riqueza que é o café, na pauta de nossas exportações, o silêncio é completo e significativo. Todas as demais atividades, inclusive o famoso parque industrial de que tanto nos orgulhamos, os empreendimentos de brasileiros e estrangeiros em nossa terra, devemos nos recordar que tudo isso foi construído à sombra do café. (muito bem!)

A cafeicultura, não só paulista como a brasileira, a despeito dessa superprodução, que até nós nos afligindo, criando uma grave crise, sofre as consequências da infima produtividade dos seus cafezais.

Tendo contado já no nosso Estado, em plena fase de sua cultura extensiva, dois bilhões de pés de café, com produção de vinte milhões de sacas, época em que só cuidávamos da quantidade e não da qualidade, e dominávamos os mercados internacionais, suprimo o seu consumo numa proporção de 75% de suas necessidades, descansamos nessa situação porque tudo nos corria, então, relativamente bem. Enveredamos, pois uma errada política de preços, estimulando a cultura nos demais países produtores, de modo que, pouco a pouco, fomos sendo afastados pela concorrência deles, notadamente pela qualidade aprimorada de seus cafés.

A crise econômica universal de 1929/30, que rebotou com particular intensidade nos Estados Unidos da América do Norte, principais mercados consumidores de café, repercutiu de maneira desastrosa na cafeicultura brasileira.

O Estado de São Paulo, produtor de dois tipos de preciosa rubiacea no País, viu grande parte de suas velhas fazendas desaparecer no vértice daquele cataclismo econômico.



Gravura de Percy Leu para o livro A FAZENDA DE CAFÉ EM SÃO PAULO.

Sobreviveram, apenas, dos antigos dois bilhões de cafeeiros, cerca de metade das lavouras situadas nas regiões recém-desbravadas, por isso de produção econômica.

Poucas culturas novas, de então para cá, foram plantadas, acusando, hoje, as estatísticas, aproximadamente 1.300.000.000 de cafeeiros. Desse total, porém, pela idade das plantas, 600.000.000, seguramente, são deficitários, isto é, com produção média de menos de 20 arrobas por mil pés.

E a superprodução, que nos aflige, de onde vem, perguntar-se?

Das salubérrimas terras roxas do Norte do Paraná, cujos cafezais foram plantados pelos métodos primitivos e rotineiros de antanho, mas com a agravante do aventureirismo de muitos improvisados agricultores, a começar por desconhecemos os cuidados indispensáveis na escolha das regiões ecológicas adequadas a essa cultura tropical.

Dai, a sua precaridade.

São Paulo, Sul de Minas e parte do Nordeste do Paraná constituem o verdadeiro e ideal "habitat" para uma cultura permanente do café, superior a qualquer outra região do globo. Mas, precisamos mudar radicalmente a orientação dessa exploração agrícola, empregando os modernos processos que a técnica e a ciência agrônomicas hoje nos oferecem. (Muito bem!)

A fase das culturas extensivas já passou. Devemos entrar decisivamente na era da cultura intensiva, de sentido nitidamente econômico, imperativo para vencer na competição renhida que se trava nos mercados consumidores.

Ora, é sabido que os marginais da produção do café é que provocam a política artificial adotada há longos anos na defesa da principal fonte de divisas com que contamos, e que dita o menor ou maior vulto de nossa moeda. Esses marginais, senhores, além de tudo, sacrificam o trabalho inteligente daqueles que, compreendendo melhor o problema cafeeiro, entre nós, evoluíram, progrediram nas suas atividades tradicionais, racionalizando as suas culturas, isto é, reduziram

SANTOS

PRAÇA DOS ANDARAÍAS, 8
Telefones: 2.216 - 2.212 - 2.213
Endereço Telegráfico: «DORWIL»
Inscrição, 13.525 - Caixa Postal, 49

ARMAZENS GERAIS

«THEODOR WILLE»

ARMAZENS:

R. CONDE D'EU, 36/44 - Tel.: 2-2311
R. S. LEOPOLDO, 73/83 - Tel.: 2-6152

RIO DE JANEIRO

RUA DA QUITANDA, 187
Telefones: 23-283 - Ramal 4
Endereço Telegráfico: «DORWIL»
Caixa Postal, 4916

ARMAZENS:

RUA COSTA FERREIRA, 148
Telefone: 42-7641